



São coisas

A vida de João Pacheco Pimentel

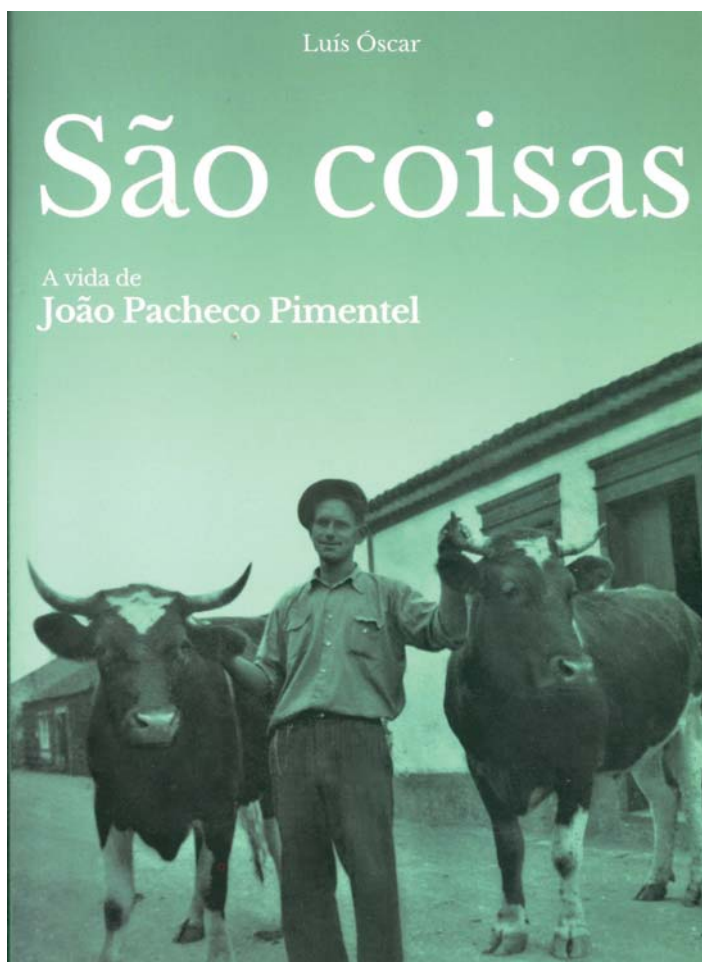
Comovente! Um hino à heroicidade do homenageado e também a outros tantos homens e mulheres que passam incógnitos na nossa vida e que tanto deram à terra e aos outros.

Em boa hora o jornalista Luís Óscar resolveu dar corpo a este velho desejo de Luís Venâncio Resendes da Silva... Ele que nos entrados anos de João Pacheco Pimentel sentiu remorsos de não ter cumprido a promessa que lhe fez e que recebeu como resposta: - "Deixa lá estar. Eu não tenho pressa". A sabedoria a falar. A certeza de que, na maioria das vezes, as homenagens acontecem depois de morto aquele ou aquela a quem se dirigem, tomando-se estas (homenagens), mais consolo para os vivos do que honra para os mortos.

João Pacheco Pimentel foi um autodidata das coisas da terra e da veterinária. No Nordeste, na Nazaré dos seus sonhos, com Maria do Santo Cristo sempre a seu lado. Morreu nonagenário e seja-me permitido dizer aqui que Luís Óscar encerra o seu livro de uma maneira absolutamente genial. Nenhum leitor ficará indiferente à forma como narra – quase como que vivendo – a dor de Tio João Pacheco (assim era conhecido) quando teve que se separar, primeiro da mulher, de quem já não conseguia tratar e que foi levada para a Santa Casa do Nordeste, e depois ele próprio a dizer adeus à sua casa, porque pode haver muitas casas até douradas, mas uma só é a “nossa casa”. Pessoalmente considero que os capítulos finais assumem uma grandeza difícil de classificar, precisamente pelo realismo dramático do fim da vida. E só quem está no Outono da vida e com tantas limitações físicas como eu, pode entender o que sentiu Tio João Pacheco quando, qual combatente que deixa o campo de batalha, manda entregar a sua *catana* de *El Salvador*, que tinha trazido dos Estados Unidos, a Luís Jorge Fernandes. O momento – que sempre chega – de nos apartarmos de tudo o que na vida nos acompanhou é como que fazer-se noite a meio do dia. É a escuridão de alma que só encontra refúgio na serenidade de quem crê na outra dimensão da vida. E isto está tudo expresso por Luís Óscar, de uma maneira simples, mas tão profunda que me levou a uma lágrima incontida.

De resto, todo este livro é um verdadeiro testemunho de amor, um tributo à alegria de servir, um testemunho de amor familiar que até o leva a emigrar para estar com a filha e netos na América. Mas a Ilha, o Nordeste *onde a ilha é outra* – Daniel de Sá dixit – os animais e a profissão falaram mais alto e bastaram onze meses para, emagrecido, retornar à ilha, pois foi mais fácil ter no coração a saudade da filha e dos netos do que matar o coração por falta da ilha.

Este *São coisas* (era uma expressão muito usada por ele), para além de todo o aspecto humano que é o seu substrato, tem outro mérito muito especial! É um livro que se torna um repositório



importantíssimo da vida no Nordeste, desde as primeiras décadas do século XX, até ao passado ano de 2018, naquele dia 14 de Fevereiro em que foi a sepultar. As festas, os casamentos, as relações de vizinhança, a magia do farol do Arnel, as matanças de porco, as dificuldades de comunicações, a ruralidade e o amor aos animais, tudo isto perpassa no livro, com preciosas anotações (são 196 ao todo) que explicam determinados termos próprios do Nordeste e Povoação, ora caídos em desuso, ora desconhecidos por quem ali não vive.

Mas não se pense que Tio João Pacheco foi um “*veterinário curioso*” limitado à geografia do Nordeste! Não! A sua fama – e também o seu não saber dizer *não* – levam-no, de dia e de noite, que

ele nunca usou relógio, mesmo o de algibeira lhe ofereceram, à Povoação e suas Lombas e à linda e mítica Água Retorta, terra que lhe fica no coração. Nunca se importou com homenagens, mas nunca as enjeitou porque, de facto, as homenagens são sinais que mais servem os outros do que ao próprio, e a gratidão é dos sentimentos mais nobres que pessoas e sociedade podem ter.

Não sei se chegou a receber uma Insígnia Autônómica, que bem merecia. Mas, ao ler este livro e ao deslumbrar-me com a grandeza da humildade, lembrei-me de um editorial do meu Amigo Padre António Cassiano, no jornal “A Crença”, de que era director, em 2016, quando o Dia dos Açores se celebrou na velha capital, em que sabia-

mente observava que na atribuição das Insígnias Autônómicas, nunca vira alguém de vida simples, como um cavador ou uma mulher com muitos filhos a quem, da pobreza conseguiu fazer cidadãos de mérito. Aqui apetece-me repetir Tio João Pacheco: “*São coisas*”.

Estas são, pois, duzentas e poucas páginas, simplesmente fascinantes. Não conheci a figura central desta *epopeia dos simples*, mas depois deste livro de Luís Óscar bem honrado ficaria se lhe pudesse ter dado um grande abraço. Abraço de gratidão que fica para o autor e para o inspirador do livro que foi apresentado no Nordeste pelo escritor João de Melo – figura maior nas nossas Letras – e em Ponta Delgada, no âmbito da III Festa do Livro, pelo jornalista e poeta Sidónio Bettencourt.

E mais do que as minhas humildes palavras, reflexo apenas do muito que gostei deste livro, aqui fica o que disse o Sidónio Bettencourt. “*A Ode à “sua” Vida é de resto, no entender do autor Luís Óscar, uma verdadeira autobiografia condensada, pois, nela, está lá (quase) tudo: O amor à Veterinária e ao Trabalho, a Disponibilidade, o Reconhecimento, o Dever, as Convicções, o prazer do Bem-fazer, a Satisfação e, sobretudo, o Respeito. Como bônus uma referência ao gel que lhe aliviou muitas dores*”.

E mais adiante: “*Esta é na verdade uma biografia que levou anos a ser escrita. Pelo rigor e maturação, pelo documento e pela verdade. Pela pesquisa; pelas emoções e autenticidade, reveladas pela fidelidade dos acontecimentos, pelos testemunhos geracionais de viva voz, pela espontaneidade do discurso directo, pelo preciosismo da descrição e pela preciosidade vocabular das coisas, dos gestos; dos maneirismos.*”

Uma Biografia que foge tecnicamente a tudo o que estamos habituados a ler; porque a narrativa, leve, escurrita, elevada e acessível, meticulosa, nos remete para outros géneros literários. O romance, a crónica, a poesia, ou mesmo para usar as ferramentas do jornalista escrupuloso e experimentado, a grande reportagem ou o documentário”.

Atrevo-me a dizer que este *São coisas* é um verdadeiro *diário de conta alheia*, onde escrupulosamente se enceleiram actos e sentimentos que se guardam na memória colectiva e que pelo livro ficam indelévels.

Nestas *Leituras do Atlântico* fica a minha gratidão por tão oportuna e bela homenagem, ao autor, Luís Óscar, ao seu inspirador, Luís Venâncio e à Câmara do Nordeste que me proporcionou a sua leitura. E, guardarei religiosamente na memória as lindas quadras da *Ode à Minha Vida*, que assim termina: *Tudo deixei feito/ Sem nunca ofender ninguém/ Morro agora satisfeito/ por ter acabado bem!*

Santos Narciso